

**“ EU QUERO APRENDER A FALAR”:
O ESTUDO DOS GÊNEROS ORAIS EM SALA DE AULA**

Rosana Dutra de Sousa
Orientadora: Prof^a Dr^a Clara Dorneles

RESUMO: O presente trabalho busca compreender como analisar e tratar a oralidade como objeto de ensino nas aulas de Língua Portuguesa. O projeto foi desenvolvido como uma pesquisa-ação durante o Estágio Curricular em Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas, no 1º ano do ensino médio, numa escola de um bairro da cidade de Bagé/RS. A metodologia utilizada é a pesquisa-ação (LATORRE, 2003), numa perspectiva qualitativa, em que a pesquisa desenvolve-se com a associação de uma ação. O suporte teórico-metodológico para análise é a Microetnografia Escolar (ERICKSON; SCHULTZ, 1998) e a área em que está inserida a pesquisa é a Linguística Aplicada. As fontes utilizadas para a geração de dados foram às observações de aulas, atividade diagnóstica, gravações de vídeos, diário reflexivo e autoavaliação. O estudo dos gêneros orais faz-se necessário, dada a relevância de descrever a língua fazendo referência com a fala em situação de uso e os papéis que os falantes assumem na interlocução. A análise dos dados se deu através da observação e revisão do material gerado durante as aulas. Os resultados obtidos na pesquisa e descritos na Tabela III demonstram como o estudo dos gêneros orais secundários, entrevista e seminário, contribuíram no processo de apropriação desses gêneros. Assim como também, mostram a importância de um projeto de ensino pautado no estudo dos gêneros orais pode favorecer a legitimar a oralidade como objeto de ensino. Ao levar para a sala de aula métodos que privilegiam o ensino da língua, relacionando ao seu uso, com a finalidade de melhorar a prática, contribuimos de forma significativa no processo de ensino aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: oralidade, pesquisa-ação, ensino, microetnografia.

ABSTRACT: This study aims to understand how to analyze and treat the oral speech as a teaching object in Portuguese classes. The project was developed as an action research during the Curricular Training in Portuguese and their Respective Literatures in the 1st year of high school, in a school located in a district of Bagé city in Rio Grande Do Sul. The methodology used is action-research (LATORRE, 2003), in a qualitative perspective, in what the research is developed associated to action. The theoretical-methodological support for analysis is the School micro-ethnography (ERICKSON; SCHULTZ, 1998) and the area in which it operates is the Applied Linguistics. The sources used for the data development were the observations of lessons, diagnostic activity, video recordings, reflective diary and self-assessment. The study of oral genres is necessary, in order to describe the language referring to talks in use situation and the roles that speakers take the dialogue. The data analysis was done through the

observation and revisiting the material obtained during the classes. The results obtained in the research and described in Table III demonstrate how the study of secondary oral genres, conference and seminar contributed in the appropriation of these genres process. As well as, it shows the importance of an education project guided by the study of oral genres can encourage legitimate orality as a teaching object. It brings to the classroom methods that favor the teaching of language, relating to their use, in order to improve the practice, we contribute significantly in the teaching and learning process.

KEYWORDS: orality, action-research, teaching, microethnography.

Introdução

O presente projeto de Trabalho de Conclusão de Curso II busca responder a questão de como tratar a oralidade como objeto de ensino na Língua Portuguesa. Este projeto foi vinculado à disciplina de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas III, que é componente curricular na Universidade Federal do Pampa – Unipampa, contexto em que foram gerados os dados da pesquisa.

A escolha em trabalhar a oralidade no projeto foi reforçada com o pedido de um dos alunos: “eu quero aprender a falar”. Nesse pedido surgiram muitas indagações e reflexões acerca de como esse ensino da oralidade está sendo tratado na escola. Acredito que seja de suma importância refletir sobre o ensino da oralidade, porque quando um aluno cursando o ensino médio chega a conclusão de que não sabe falar, com certeza, o ensino não está contemplando o estudo de Língua Portuguesa em sua totalidade. Portanto, esse pedido veio ao encontro da minha proposta e demonstrou a importância que o sujeito dá em tomar a palavra. O referido projeto desenvolveu-se em uma turma de 1º ano do ensino médio, no turno da manhã, em uma escola da rede pública estadual e localizada em um bairro da cidade de Bagé/RS.

Marcuschi (2001, p. 37) diz: “o homem pode ser definido como um ser que fala e não como um ser que escreve”. O autor, ao definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve, permite-nos refletir sobre a importância da fala e nos papéis que os falantes assumem na interlocução. Por isso, ao assumirem esses papéis, tanto nas esferas privadas ou públicas, é essencial selecionar a linguagem adequada ao contexto de uso. Embora a fala se aprenda naturalmente, não se aprende naturalmente a escolha dessa linguagem, formal ou informal, e em quais contextos deve ser utilizada.

A partir do estudo dos gêneros a escola trouxe uma nova perspectiva didática no ensino de Língua Portuguesa. Essa proposta aproxima a linguagem presente nos textos

produzidos pelos falantes, tanto na oralidade como na escrita, aos conteúdos propostos na disciplina, possibilitando o desenvolvimento da capacidade interativa dos sujeitos. Ao trabalhar a língua na concepção de interação social apresentada por Bakhtin (2000) que diz que os gêneros estão vinculados às diferentes atividades da esfera humana. A escola constitui-se como mediadora desses discursos, trazendo para a sala de aula a aplicabilidade da língua em uso, com isso, dando significado a esse estudo.

A escola ao tratar do estudo de gêneros, suas características e as situações comunicativas em que se realizam, permite o aperfeiçoamento da linguagem. Linguagem essa que os estudantes já possuem e têm afinidade, mas é preciso que a reconheçam como prática de interação social, com isso, trazendo outra concepção de língua.

Os gêneros orais secundários entrevista e seminário foram os escolhidos para trabalhar no projeto de ensino, que se intitulou “Feira das Profissões”, em que foram desenvolvidos os gêneros orais secundários entrevista e seminário, pois são gêneros pertencentes à esfera pública. Segundo autores como Schneuwly; Dolz (2010) dizem que são esses os gêneros que devem ser estudados, por possuírem entre suas características a de não serem improvisados.

A pergunta que o projeto busca responder é como analisar e tratar a oralidade como objeto de ensino de Língua Portuguesa, a partir de uma experiência no ensino médio. Os objetivos da pesquisa foram: (i) perceber e analisar como se deu o processo de apropriação dos gêneros orais secundários; (ii) demonstrar como um projeto de ensino pautado no estudo desses gêneros pode favorecer a legitimar a oralidade como objeto de ensino.

O método escolhido em relação ao procedimento técnico foi a pesquisa-ação, baseada nos pressupostos de Latorre (2003), que diz: a contribuição desse método pode levar o professor a ter uma participação mais ativa na prática educativa, pois a pesquisa desenvolve-se com a associação de uma ação. O método objetiva compreender a realidade através da pesquisa-ação e o professor/investigador como agente, que conduz a investigação sobre a sua própria ação, no sentido de analisar a sua prática. A análise se deu na perspectiva qualitativa, que considera que existe uma relação entre o mundo e o sujeito que não pode ser traduzida em números (ALMEIDA, 2015). Para a definição dos procedimentos metodológicos, associei a pesquisa-ação à pesquisa microetnográfica, tendo como referência Erickson e Shultz (2013), que descrevem essa

tradição de pesquisa como um meio de desvendar a interação em diferentes contextos, entre eles no espaço escolar

O trabalho está organizado da seguinte forma: na primeira parte, o referencial teórico, que traz as referências teóricas adotadas; na segunda parte, a metodologia utilizada na pesquisa e o contexto de pesquisa; e por último a análise de dados, demonstrando como a discussão acerca da oralidade em sala de aula foi compreendida pelos estudantes e como perceberam esse processo. Assim, demonstra como a importância de um projeto de ensino pautado no estudo dos gêneros orais pode favorecer a legitimar a oralidade como objeto de ensino.

1. Fundamentação Teórica

1.1. Gêneros orais no ensino

A escola, ao longo de sua trajetória, contempla o ensino de Língua Portuguesa tendo como foco principal a escrita. Sabemos da importância dessa modalidade e que faz parte da cultura escolar desde os primórdios da educação, mas não podemos postergar a oralidade, visto que ambas são modalidades da língua importantes para o desenvolvimento da competência linguística¹.

A escola trata a escrita como legitimadora do ensino, embora a fala seja uma atividade central no dia a dia das pessoas. No entanto, mais recentemente, esse quadro tem sido desafiado pelas políticas oficiais de ensino de Língua Portuguesa. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Médio (BRASIL, 2002, p. 70), afirmam que: “pensar o ensino de Língua Portuguesa no ensino médio significa dirigir a atenção não só para a literatura ou para a gramática, mas também para a produção de textos e a oralidade”.

As orientações para o ensino da oralidade têm chegado à escola por meio dos livros didáticos. Porém, muitas vezes, esses materiais propõem atividades para a participação oral dos estudantes sem contemplar a análise da estrutura composicional e estilística do gênero produzido. Alguns autores de livros didáticos demonstram

¹ Competência linguística pode ser definida como capacidade de usar conscientemente as diversas estruturas da língua. (TRAVAGLIA, L. C. Universidade Federal de Uberlândia/Instituto de Letras e Linguística – ILEEL).

preocupação com o ensino da oralidade e abordam os gêneros orais como objeto de ensino nesses livros. A coleção Viva português: ensino médio de Elizabeth Campos, Paula Marques e Sílvia Letícia de Andrade, que faz parte do guia 2015/17 do Plano Nacional do Livro Escolar (PNLD), aborda o estudo dos gêneros orais e escritos como objeto de ensino.

Ao propor o trabalho com gêneros orais, em sala de aula, é relevante reconhecer que transformar a oralidade (suas práticas e gêneros) em objeto de ensino ultrapassa o exercício da comunicação oral, pois é necessário refletir sobre como utilizar a variedade de usos da língua na modalidade oral e, com isso, explorar os aspectos linguísticos associados aos sociodiscursivos (BENTES, 2010). Os PCNs do Ensino Médio (BRASIL, 1977) dizem que “eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua”. Portanto, é necessário que os alunos sejam conscientizados de que tomar a palavra é uma atividade importante e complexa, pois amplia a competência comunicativa, a sua formação intelectual e crítica dentro da escola e no meio social. Mas, para isso, é necessário fornecer e oportunizar aos alunos instrumentos para observação e análise de práticas orais, fornecer os contextos, as motivações e as finalidades para o exercício dessas práticas, tanto na sala de aula como fora dela (BENTES, 2010).

É preciso que os professores atentem que toda a comunicação se dá por algum gênero. Se nos comunicamos através de gêneros, é necessário que a escola traga essa reflexão e esse estudo para a sala de aula e o professor desempenhando o papel de mediador, transforme essa reflexão em objeto de ensino.

Na concepção bakhtiniana utiliza-se para designar os gêneros primários: “comunicação verbal espontânea”. Se os gêneros secundários não são espontâneos, isso implica na necessidade de uma intervenção para o processo de desenvolvimento desses gêneros formais. Esses gêneros são mediados pela leitura/escrita, exigem um domínio de relações formais e mais complexas e o ensino possibilita o desempenho dessa ação. Esse estudo prepara o sujeito para agir fora do seu contexto cotidiano e escolar, passando para uma esfera de relações complexas, que precisam ser construídas para agir no mundo. Para tanto, é preciso uma reflexão consciente e com apoio teórico-metodológico a respeito do estudo dos gêneros orais em sala de aula. Deve-se levar em consideração, que os gêneros orais são dotados de regularidades, e que alguns autores

defendem a necessidade de incluí-los como objeto de ensino (SCHUNEUWLY; DOLZ, 2010).

Sabe-se que a fala é inata aos seres humanos, que é desnecessário ir para a escola para aprendermos a falar. Sendo assim, precisamos que os estudantes percebam que a fala também é regida por regras; é organizada para que possamos interagir e fazer-nos compreender pelos demais sujeitos. Essas regras estão implícitas na língua e todos os falantes se utilizam delas. Mas, precisamos trazer para a escola o estudo sistemático da língua falada, a fala é uma atividade complexa, que possui características e finalidade próprias de acordo com os contextos sociais e culturais em que ocorre. Portanto, é imprescindível que os alunos percebam a importância do estudo dos gêneros orais, que possibilita adaptar a fala a esses contextos. Dentre essas regras implícitas podemos citar, como exemplo, o uso apropriado do artigo antes do substantivo, marcando o gênero e número (regra do próprio sistema); regras sociais, sabemos o que deve ser dito em determinadas situações sociais; e regras de uso, que determinam formas de expressão que são escolhidas e selecionadas apropriadamente como o senhor/a senhora, em oposição a tu/você (LIMA; BESERRA, 2012).

Ao referir sobre “regras” não falamos a respeito de regras prescritivas, apontadas na gramática, mas, sim de regras que estruturam a modalidade oral. Essas regras são as regras de uso, as regras sociais e as regras do próprio sistema. Sabemos também que, para que haja competência comunicativa, é necessário saber usar conscientemente as diversas estruturas da língua.

A competência comunicativa² envolve a competência linguística, pois o falante produz frases que pertencem à língua, mas apropriadas ao que se quer dizer em determinada circunstância. Ao desenvolver a competência comunicativa, leva-se o sujeito, enquanto falante da língua, a enriquecer a capacidade de escolher e combinar os recursos linguísticos para dizer o que quer, ou seja, produzir efeito de sentido por meio de seus textos, adequando o ato verbal às situações de comunicação.

A competência discursiva³ também engloba a competência linguística, pois leva o falante da língua a perceber que os textos não significam por si só, mas em

² Competência comunicativa é a capacidade de utilizar os enunciados da língua em situações concretas de comunicação. Portanto, é a capacidade de escolher e combinar adequadamente cada vez um maior número de recursos linguísticos para dizer o que quer, ou seja, para produzir determinado efeito de sentido por meio de seus textos e, ao mesmo tempo, adequar o ato verbal às situações de comunicação (TRAVAGLIA, L. C. Universidade Federal de Uberlândia/Instituto de Letras e Linguística – ILEEL).

³ A competência discursiva teria a ver com a atuação do usuário da língua em uma formação discursiva ou sócio-discursiva, entendida como o conjunto das formas específicas para estabelecer a significação, os

função de elementos exteriores como, por exemplo: quem diz o quê; para quem; por quê/para quê; quando; onde; e quais papéis sociais são desempenhados pelos interlocutores. Enfim, essa competência está permeada pelo momento histórico, por ideologias e por crenças. Portanto, compreender que uma determinada palavra ou expressão pode assumir sentido diferente, em formações discursivas diferentes, e perceber essas diferenças faz parte da competência discursiva.

Na proposta de trabalho didático, que serviu de *corpus* desta pesquisa, foram estudados os gêneros discursivos pautados pelos fundamentos teóricos bakhtinianos, que concebem a língua como interação. Dentre os diversos gêneros secundários, os escolhidos foram os gêneros entrevista e seminário por serem gêneros que circulam na esfera pública e são esses que devem ser ensinados na escola.

Segundo a teoria dos gêneros do discurso, sempre que falamos ou escrevemos, recorremos a um determinado gênero, ou seja, elegemos o enunciado de acordo com a situação comunicativa que pretendemos. Ao propor esse estudo, permite-se uma reflexão sobre a concepção de língua pautada nos gêneros, pois se é através deles que empreendemos a comunicação verbal, podemos utilizar desse recurso para o estudo da língua e, assim, fazer uma relação com o uso.

Bakhtin (2000, p. 302) nos explica como se dá essa construção nos gêneros do discurso:

Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhes o gênero, adivinhar-lhes o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhes o fim [...]. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os denominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

Essa concepção bakhtiniana que nos mostra a existência da pluralidade de gêneros, tanto orais como escritos, e que é através deles que nos comunicamos e interagimos, é que deve embasar o ensino de Língua Portuguesa.

sentidos que estão em funcionamento em um recorte sócio-histórico-ideológico de uma sociedade e cultura (TRAVAGLIA, L. C. Universidade Federal de Uberlândia/Instituto de Letras e Linguística – ILEEL).

Autores como Dolz e Gagnon (2015), que trazem o aporte teórico de Bakhtin, nos dizem que cada esfera de utilização da língua elabora enunciados, relativamente estáveis e são esses tipos relativamente estáveis, que constituem os gêneros do discurso. Portanto, a constituição desses gêneros funciona como uma norma que intervém tanto na estruturação dos enunciados como nas formas da linguagem. Os gêneros distinguem-se em primários e secundários, sendo que os primários são do cotidiano e os secundários são produzidos na esfera pública. De acordo com Bakhtin (1984), há uma relação entre os gêneros primários e secundários, sendo que os segundos absorvem e transformam os primeiros, deixando de ter uma relação imediata com o real existente e com os demais enunciados.

Esses autores ilustram a inter-relação entre gêneros secundários e primários partindo de um exemplo de receita culinária. Ao utilizar esse gênero, na cozinha, quando uma mulher ensina a receita a sua filha, não é o mesmo contexto de produção de quando essa prática é realizada por uma animadora em um programa televisivo. Embora, exista uma relação imediata com o real existente, que é o gênero receita culinária, o nível de espontaneidade e de cotidianidade na relação entre mãe e filha aproxima-se ao conceito de gênero primário. No momento, em que este gênero passa a ser previsto, pensado e, portanto, mediatizado, passa para a esfera pública, embora, seu enunciador se dirija a um público anônimo.

Ao levar o estudo dos gêneros orais como objeto de ensino para a escola, coloca-se fala e escrita no mesmo *status* de importância. Com essa prática buscamos desmistificar a superioridade da escrita em relação à fala no ensino de Língua Portuguesa. É preciso que se compreenda que fala e escrita não se opõem⁴, são práticas discursivas que se completam e não possuem diferenças essenciais. Portanto, dependendo da situação comunicacional, no caso do gênero entrevista e seminário, utiliza-se também da escrita como apoio.

Conforme já enfatizado, os gêneros caracterizam-se de acordo com a atividade sociodiscursiva a que servem. Sendo assim, ao utilizarmos um determinado gênero conhecemos a forma e objetivos específicos dessas situações particulares. Para tanto, autores apontam que a apropriação dos gêneros é um processo fundamental de socialização, pois, é através desse processo de apropriação que os indivíduos se tornam

⁴ As duas modalidades da língua portuguesa, a oral e a escrita, são vistas como práticas sociais, já que o estudo das línguas se funda em usos. A oralidade e a escrita são práticas e usos da língua com especificidades e condições distintas de realização, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos (MARCUSCHI, 2001).

capazes de refletir e agir produtivamente e positivamente na sociedade (MATENCIO, 2008). Portanto, utilizar-se dos gêneros como ferramenta para a prática do ensino de Língua Portuguesa possibilita aos indivíduos a apropriação de competência linguística, comunicativa e discursiva.

Como apontado acima, os PCNs (BRASIL, 2002) legitimam um ensino de língua portuguesa voltado para seus usos sociais, permitindo que o estudante perceba a função social que a língua exerce, além da importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania.

1.2. Gêneros orais entrevista e seminário

Sabe-se da diversidade de gêneros orais, por isso, alguns autores recomendam que a escolha desses gêneros para o ensino deva recair nos gêneros orais públicos. Autores como Schuneuwly e Dolz (2010) preconizam a necessidade de incluir os gêneros orais como objeto de ensino na escola e como um dos eixos do currículo escolar. Conforme esses autores, os gêneros orais passam a ser, ao mesmo tempo, um instrumento de comunicação e um objeto de aprendizagem.

O estudo dos gêneros orais da comunicação pública formal permite que os estudantes utilizem-se de recursos da língua de forma mais consciente e reflexiva. Sendo assim, que esse estudo possibilite a seleção e utilização desses gêneros em diferentes contextos, dependendo do grau de formalidade e das exigências das instituições onde se realizam. Assim sendo, que possibilite ações que ampliem a capacidade para uma participação mais eficiente nas práticas de letramento que a sociedade requer e estabelece.

Um aspecto a ser observado é que em situações comunicativas orais, sejam elas a distância ou face a face, formal ou informal, planejadas ou improvisadas, ao nos comunicarmos pela oralidade, não apenas falamos, mas fornecemos ao outro um vasto conjunto de informações sobre várias facetas de nossas identidades sociais e sobre a maior ou menor amplitude de nossa competência comunicativa. (BENTES, 2010). Portanto, através da comunicação oral é possível identificar a que grupo social pertence, a idade, o sexo e a escolaridade, logo, a linguagem relaciona-se com à história, à sociedade e à cultura.

1.2.1. Gênero oral entrevista

O gênero entrevista corresponde a uma forma de obter informações, de um assunto ou de alguém, através de perguntas e respostas. Esse gênero é considerado como macrogênero por alguns autores, por entenderem que o gênero entrevista é uma constelação de eventos possíveis que se realizam como gêneros (ou subgêneros) diversos. Pode-se citar como exemplo, a entrevista jornalística, a médica, a de trabalho, a de emprego. O macrogênero entrevista possui elementos comuns a todos os subgêneros como: sua estrutura sempre se caracteriza por perguntas e respostas – o entrevistador e o entrevistado; o papel que o entrevistador desempenha que caracteriza-se por abrir e fechar a entrevista, fazer perguntas, introdução de assuntos novos, (re)orientar a interação; o entrevistado desempenha a função de responder e fornecer as informações solicitadas. Um subgênero diferencia-se do outro pelas características que estão relacionadas com o objetivo, a natureza, o público-alvo, a apresentação, o fechamento, a abertura e o tom de formalidade, entre outros aspectos definidos pela situação de comunicação (MELO; MARCUSCHI; CAVALCANTE, 2012).

O estudo do gênero oral entrevista possibilita-nos desfazer a polarização entre as duas modalidades, trazendo a compreensão de que fala e escrita não se opõem, mas completam-se e nesse gênero evidencia-se a relação entre oralidade e escrita. Entre os subgêneros podemos citar uma entrevista jornalística para um programa de rádio e uma entrevista jornalística para um jornal impresso e que aspectos aproximam/distanciam esses subgêneros. Nessa situação específica, podemos promover situações de análise das esferas em que esses gêneros circulam, suas finalidades e as interações que são estabelecidas através desses gêneros. A importância em perceber essas especificidades entre os subgêneros, possibilita-nos diferentes situações didáticas de ensino desse gênero. Assim, os diferentes tipos de entrevistas podem servir para o desenvolvimento de atividades didáticas na esfera escolar, observando-se que necessidade de adequação há para que os objetivos escolares sejam atingidos (LEAL; SEAL, 2012).

O gênero entrevista foi um dos gêneros escolhidos para ser estudado e fez parte na pesquisa. A entrevista foi utilizada como instrumento de coleta de dados⁵ destacando-se como fonte de informação e subsidiando a produção de outro gênero oral,

⁵ As autoras consideram, nesse caso, a entrevista como instrumento de coleta de dados, não especificando o subgênero. Assim, podemos usar entrevistas em atividades de pesquisa científica, pesquisa de opinião, pesquisa de tendências de consumo, entre outras. Dizem que o domínio dos gêneros orais secundários relacionados aos espaços de trabalho, no caso, o espaço escolar, são necessários à apropriação pelos estudantes, visando atender as necessidades práticas relacionadas diretamente ao seu cotidiano (LEAL; SEAL, 2012).

o seminário. Entre as características a serem observadas nessa entrevista temos: a) o número de participantes envolvidos, no caso específico, a presença de vários entrevistadores para um entrevistado, que condiciona uma maior ou menor possibilidade de mudança de falantes e o tempo da fala de cada um; b) o nível de conhecimento dos participantes entre si e o grau de cooperação de cada um, possibilitando uma maior quantidade de conhecimento partilhado; c) o envolvimento dos participantes um com o outro, com o assunto e com a situação; e d) o grau de espontaneidade das falas, indicando um maior ou menor nível de planejamento das perguntas ou intervenções que pode sinalizar uma conversa mais formal ou informal (MELO, MARCUSCHI; CAVALANTE, 2012). A escrita serviu de apoio para a realização da entrevista, pois os entrevistadores haviam elaborado um roteiro de perguntas, que no momento da interação face a face foi modificado, devido ao engajamento dos participantes com o assunto e com a situação. Assim como, as anotações realizadas durante a entrevista serviram como subsídio de pesquisa na produção do gênero seminário.

1.2.2. Gênero oral seminário

Schneuwly e Dolz (2010, p. 185), afirmam que:

[] podemos pois definir a exposição oral⁶ como um gênero textual público, relativamente formal e específico, no qual um expositor especialista dirige-se a um auditório, de maneira (explicitamente) estruturada, para lhe transmitir informações, descrever-lhe ou lhe explicar alguma coisa.

Segundo esses autores a exposição oral é um gênero público, formal e específico, portanto, é um gênero secundário e são esses que devem ser ensinados na escola. Tem como característica um expositor, que assume a condição de especialista, que se dirige a um público para transmitir informações. Informações essas que devem ser organizadas e estruturadas pelo expositor, que tem o papel de informar, descrever e explicar o assunto, ou seja, modificar o conhecimento da plateia em relação ao objeto de estudo apresentado.

⁶Segundo Dolz e Schneuwly (2010) a exposição oral é frequentemente denominada e utilizada na escola com a terminologia de seminário.

Ao trazer a exposição oral⁷ para a escola e transformá-la em objeto de ensino é preciso observar as características desse gênero, que objetivos pretendemos e que intervenções utilizaremos para isso.

Este gênero é considerado público e formal, portanto, exige que o expositor ao apresentá-lo siga um planejamento e uma organização interna. Para tanto, esse expositor deve proceder a uma pesquisa, selecionar as ideias principais das secundárias garantindo coerência em relação à temática. Além disso, o gênero exige uma ordenação de suas partes, que permite distinguir as fases de sua construção interna. Distinguimos as seguintes partes em uma apresentação oral: a fase de abertura, de introdução ao tema, a apresentação do plano da exposição, o desenvolvimento e o encadeamento dos diferentes temas, a recapitulação e síntese, a conclusão e o encerramento (SCHUNEUWLY; DOLZ, 2010).

Ao transformar a oralidade em objeto de ensino é necessário fornecer ao aluno formas que permitam construir operações linguísticas específicas que caracterizam esse gênero de texto⁸. No gênero exposição oral, denominado seminário no ambiente escolar, podemos citar, entre outras operações linguísticas: a coesão temática que articula as diferentes partes temáticas, sinalizar o texto distinguindo as ideias principais das secundárias, os desenvolvimentos das conclusões resumidas e das sínteses. Para que isso ocorra é necessário que os estudantes percebam a importância de marcadores de estruturação do discurso, de organizadores temporais e dos tempos verbais (SCHUNEUWLY; DOLZ, 2010).

Sendo assim, a escola ao trazer o estudo dos gêneros secundários orais possibilita aos estudantes apropriarem-se de competências linguística, comunicativa e discursiva, com isso, demonstrando a importância que o domínio da palavra pública oral exerce na sociedade.

2. Metodologia

Este projeto de pesquisa está inserido na área da Linguística Aplicada cujo objeto de estudo é a língua em uso. Trabalhar nessa área implica conviver com a diversidade, tanto em relação à língua como a fontes de conhecimentos, mas a

⁷ Ver GOMES-SANTOS (2012)

⁸ Segundo ROJO (2005, p. 185) diz: “[...] na teoria dos gêneros do discurso – centra-se, sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos em seus aspectos sócio-históricos [...] e teoria dos gêneros de textos – na descrição da materialidade textual.”

especialidade é a Linguística Aplicada, ou seja, a língua em uso e a diversidade dessa língua.

A pesquisa ao assumir a perspectiva qualitativa considera que existe uma relação entre o mundo e o sujeito que não pode ser traduzida em números (ALMEIDA, 2015). Além dessa relação entre o mundo e o sujeito, há outras características na perspectiva de pesquisa qualitativa, a de ser desenvolvida no ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

A escolha do procedimento técnico utilizado é o método da pesquisa-ação⁹ que consiste basicamente em resolver problemas sociais e técnicos, considerados relevantes, através de grupos de pesquisadores interessados na resolução desses problemas. Esse método pode ser compreendido como “um caminho ou um conjunto de procedimentos para interligar conhecimento e ação, ou extrair da ação novos conhecimentos” (THIOLLENT, 2011, p. 08).

Para uma melhor compreensão de como se dá essa pesquisa-ação, veremos a definição de Latorre (2003, p. 24): “ *la investigación-acción es vista como una indagación práctica realizada por el profesorado, de forma colaborativa, con la finalidad de mejorar su práctica educativa a través de ciclos de acción y reflexión* ”.

A partir da definição apresentada compreendemos a pesquisa-ação como um método que visa uma ação interventiva com a finalidade de melhorar a prática. Para que isso ocorra, é necessário que o professor reflita sobre três pontos, que são a **pesquisa**, a **ação** e a **formação**¹⁰, relacionando-os com sua prática (LATORRE, 2003). A motivação deste projeto de pesquisa não está em mudar o sistema, porque se encontra fora do alcance pessoal, mas a prática do professor. É pensar como eu/professora participante do processo de ensino-aprendizagem reflito criticamente sobre minha ação e que métodos são utilizados para aprimorar minha prática.

A escolha dessa metodologia tem como característica ser desenvolvida pelo próprio professor/pesquisador ou co-pesquisador, que observa, descreve e analisa como se dá a prática docente. Ela é colaborativa, pois o pesquisador não é considerado um especialista externo que conduz uma pesquisa para as pessoas, mas um pesquisador que investiga com e para as pessoas interessadas em problemas práticos e melhora da realidade (LATORRE, 2003).

⁹ Ver DIONE (2007)

¹⁰ As palavras **pesquisa**, **ação** e **formação** fazem referência ao Triângulo de Lewin (1946), que diz que os vértices do ângulo devem permanecer unidos em benefício dos seus três componentes. (grifos e tradução da autora do projeto)

A opção pela articulação entre os métodos de pesquisa-ação e microetnografia se deu porque permite associar uma ação interventiva, com a finalidade de melhorar a prática, assim como, busca compreender situações e comportamentos que ocorrem em interações cotidianas ou institucionais, principalmente as interações em instituições escolares. Para análise dessas interações é necessário a compreensão de contexto emergente na própria interação, não só em decorrência das pistas fornecidas pelo ambiente físico e social, mas pelas informações contidas pelo que as pessoas fazem a cada momento e por onde e quando elas fazem o que fazem (ERICKSON; SHULTZ, 1998).

Para tanto, esses autores sistematizaram o método de análise de dados interacionais que precisam ser gravados, preferencialmente, em vídeo e que devem ser analisados em estágios na seguinte ordem: (1) assistir a filmagem por inteiro, parando muito de vez em quando, anotando as principais ocasiões; (2) buscar ocasiões importantes para observação detalhada; (3) identificar as diferenças na estrutura de participação no âmbito das articulações; (4) transcrição da fala e dos gestos, dependendo da necessidade, com o propósito de construção de um modelo descritivo; (5) testar e validar o modelo de estrutura da interação, com o interesse em demonstrar a relevância contrastiva, para os participantes, das pistas de contextualização nas articulações elementares de uma ocasião interacional; e (6) estabelecer a possibilidade de se generalizar a análise, procedendo um levantamento de nosso *corpus*, buscando ocorrências análogas do tipo de ocasião que estejamos investigando, limitando-nos somente aquelas formas e funções comunicativas que apresentam saliência estrutural no modelo derivado do caso isolado (ERICKSON; SHULTZ, 1998).

2.1. Contexto de pesquisa

A aplicação e o desenvolvimento do referido projeto foi uma escola da rede pública estadual, localizada em um bairro na cidade de Bagé-RS. A turma era composta por 40 estudantes, cursando o 1º ano do ensino médio, no turno da manhã e a disciplina de Língua Portuguesa tinha uma carga horária de 4 h/a semanais. As observações das aulas demonstraram que as práticas de ensino de Língua Portuguesa estão centradas no normativismo das gramáticas tradicionais e em um estudo fragmentado de Língua Portuguesa, não levando em consideração o uso da língua. Os estudantes que compõem a turma, são bastante heterogêneos em relação ao nível socioeconômico, pois haviam

estudantes com um histórico de pais com ensino superior e de outros com ensino fundamental incompleto. Além disso, alguns estudantes residiam na zona rural, o que diversificava ainda mais a turma.

O projeto de pesquisa-ação foi desenvolvido no período de março a junho de 2015, quando iniciei as tratativas para a realização do estágio curricular¹¹. A partir das observações de aula da professora regente elaborei uma atividade diagnóstica, para que fosse possível investigar o que e como gostariam de aprender/desenvolver o estudo da Língua Portuguesa. Na data prevista para a aplicação da atividade diagnóstica um dos estudantes manifestou a vontade de aprender a “falar” dizendo: - “eu quero aprender a falar” e outros disseram que gostariam de aulas mais práticas. A partir de conversa informal com a turma percebi que o que eles queriam era aprender a usar a linguagem em seus diferentes contextos. Sendo assim, o ensino dos gêneros orais entrevista e seminário buscou responder tanto a solicitação dos estudantes como a da pesquisa sobre o ensino da oralidade que foi o direcionador da pesquisa-ação.

As atividades desenvolvidas nessas aulas constaram de um projeto cujo tema foi o “trabalho”, tema esse escolhido pela escola para ser trabalhado durante o ano. Nesse projeto o tema foi explorado na perspectiva de trabalho focalizando as profissões. Para tanto foi organizada a “Feira das Profissões” que contemplou os gêneros orais entrevista e seminário. Foram trabalhadas as características composicional e estilística desses gêneros, assim como, os elementos prosódicos como ritmo, entonação, as pausas e repetições que foram abordados sob o ponto de vista de como servem para a compreensão e entendimento do texto, juntamente com os elementos não verbais relacionando a importância desses elementos na construção do sentido.

A Feira das Profissões foi organizada da seguinte forma: divisão dos estudantes em grupos, escolha das profissões a serem apresentadas, respeitando o interesse de cada grupo, pesquisa de material bibliográfico disponível na internet sobre a profissão escolhida e a realização de entrevista pelos estudantes com uma psicóloga, um militar e uma estudante de técnico em agropecuária. Esses dados fornecidos pelos entrevistados ajudaram a compor o seminário apresentado pelos grupos no final do projeto.

Os instrumentos de geração de dados utilizados para análise foram: observações de aulas da professora regente (4 h/a), atividade diagnóstica (2 h/a), filmagem das aulas (gravações em vídeo) (15 h/a), autoavaliação (1 h/a), diário reflexivo e anotações de

¹¹ A disciplina de Estágio Curricular III foi orientada pela Prof^a Dr^a Isabel Teixeira, enquanto paralelamente discutia sobre pesquisa-ação com a orientadora de TCC.

campo. Sendo assim, foi solicitado aos responsáveis pelos estudantes a assinatura de um Termo de Consentimento (Anexo I) para utilizar os dados gerados na pesquisa.

2.2. Critérios de seleção e análise de dados

A análise dos dados se deu pela revisitação detalhada de gravações em áudio e vídeo das aulas. O objetivo foi perceber e analisar como se deu o processo de apropriação dos gêneros orais secundários e demonstrar como um projeto de ensino pautado nos gêneros orais pode favorecer a legitimar a oralidade como objeto de ensino. Assim como, pensar que práticas de ensino podem levar a uma melhor compreensão desses gêneros.

Os dados considerados relevantes para a pesquisa serão apresentados e analisados numa sequência cronológica, de tempo e de como se deu a apropriação dos gêneros orais, registrados nas aulas de Língua Portuguesa. Para tanto, serão utilizados excertos de fala em interação, com descrição baseada na geração de dados colhidos durante a pesquisa. Esses dados pretendem demonstrar como tratar a oralidade como objeto de ensino na Língua Portuguesa.

O apoio metodológico utilizado na pesquisa está baseado na microetnografia, que, como mencionado anteriormente, nos fornece orientações para observação minuciosa e sistemática da interação social. Através dessa observação e revisitação do material audiovisual é que se deu a percepção de como a discussão acerca da importância da oralidade em sala de aula é compreendida pelos estudantes e como percebem esse processo. Assim como também, demonstrar a importância de um projeto de ensino pautado no estudo dos gêneros orais pode favorecer a legitimar a oralidade como objeto de ensino.

Além de gravações em áudio e vídeo¹², a análise dos dados também se utilizou dos recursos: diário reflexivo e de anotações de campo. A descrição da geração de dados se deu a partir dessas gravações e pela segmentação, revisitação e transcrição detalhada de fala-em-interação. A transcrição de dados é um processo seletivo, pois busca demonstrar aspectos interacionais, de acordo com metas investigativas específicas, que vão ao encontro do objetivo da pesquisa. Autores como Garcez, Bula e Loder (2014) nos dizem que não há transcrição perfeita, em relação à captura de toda a

¹² Gravações em áudio e vídeo por câmera parada.

situação original, mas há transcrições que representam as informações de forma mais consistentes com as metas descritivas e teóricas. Para a transcrição de dados foi utilizada a tabela de convenções Jefferson¹³ (Anexo II).

Na pesquisa microetnográfica, além das escolhas de registro das elocuições por escrito e identificação dos participantes, há os aspectos entonacionais, temporais e de velocidade da produção vocal dos participantes da fala-em-interação. Por isso, as convenções Jefferson de transcrição “se consolidaram como conjunto estável de convenções detalhadas, evidenciando o caráter sequencial dialógico dos encontros transcritos” (GARCEZ; BULLA; LODER, 2014, p. 271). O diário reflexivo consiste nas anotações diárias de cada aula ministrada e são anotados reflexos positivos e negativos percebidos no evento. A finalidade desse diário é (re)pensar as práticas utilizadas como um todo e como melhorá-las. A utilização desses recursos na pesquisa teve a finalidade de melhorar a compreensão de como intervir no processo de apropriação do gênero e que ações deveria utilizar para isso. As anotações de campo são observações mais individualizadas, ou melhor, são observações focalizando aspectos individuais dos estudantes.

Para melhor compreensão dos conteúdos e da organização da sequência de ensino dos gêneros orais, entrevista e seminário, como objeto de ensino apresento uma tabela especificando datas e conteúdo trabalhados.

Tabela I – Planejamento do estudo dos gêneros orais

DATA	CONTEÚDO
26/05/2015	Conceito de gênero, gêneros orais: conceito, características, linguagem formal e informal.
28/05/2015	Elementos prosódicos e elementos não verbais.
09/06/2015	Discurso direto e indireto.
11/06/2015	Gênero entrevista
16/06/2015	Gênero entrevista
18/06/2015	Gênero apresentação oral (seminário)
23/06/2015	Gênero apresentação oral (seminário)

Fonte: Dados gerados pela sequência didática elaborada pela autora para a realização do Estágio III.

¹³ Ver LODER (2008).

A seguir, demonstro através de excertos de transcrição de geração de dados, como se deu o processo de apropriação dos gêneros orais.

3. Análise dos dados

A geração de dados se deu pela filmagem em vídeo e áudio, como já havia sido mencionado anteriormente. Após essa etapa, iniciou-se a segmentação desses dados, que consiste em transcrever apenas segmentos específicos de determinados registros de fala-em-interação, considerando o objetivo da análise.

O plano de ensino contemplou os gêneros orais secundários entrevista e seminário, por pertencerem à esfera pública formal, permitindo que os estudantes se utilizassem de recursos da língua de forma mais consciente e reflexiva. Autores como Schuneuwly e Dolz (2010) preconizam que são os gêneros secundários que devem ser ensinados na escola, por serem um gênero público, formal e específico. Além disso, exigem um planejamento e uma organização interna, distinguindo as fases que compõem o gênero. Na primeira aula foi construído o conceito de gênero, a partir de exemplos de gêneros orais, observando suas características e linguagem.

3.1. Excerto de transcrição da aula do dia 26 de maio

Fragmento 1

- 01 Professora: vamos trabalhar a respeito dos gêneros do discurso. eu já tinha feito uma introdução a respeito disso. Alguém lembra o que são gêneros.
- 02 Cândida: a gente não lembra de nada. hhhh
- 03 Professora: quando nós nos comunicamos. o que estamos fazendo. quando eu falo com a Stefani
- 04 Cândida: com a Cândida
- 05 Professora: Cândida desculpa. o que estamos fazendo,
- 06 Cândida: dialogando
- 07 Professora: dialogando. muito bem. e esse diálogo é o que. (2,3) é um gênero. então o que é que é gê::nero (2,3)
- 08 Gustavo: um diálogo
- 09 Professora: é como eu me comunico. são as formas de comunicação. quer dizer são os textos que nós encontramos diariamente. ninguém consegue se comunicar a não ser por gênero. imagina se cada um que fosse iniciar uma conversa com alguém sem saber que gênero tá falando. como que tu vai te comunicar com essa pessoa. seria praticamente im::possível a

comunicação. senão se utilizar de nenhum gênero não vai haver comunicação. continuando quais são os gêneros orais que nós temos?

10 Aroldo: diálogo, monólogo

11 Professora: que mais. tá o que mais nós temos. entrevista e seminário. só que esses gêneros quando passam da esfera do cotidiano para a esfera pública. bem então os gêneros se dividem em primários e secundários, os gêneros primários são os que usamos no dia a dia e os gêneros secundários são os que usamos na esfera pública. digamos assim que são as entrevistas. o seminário. são gêneros planejados. estruturados. temos que estudar. temos que elaborar as perguntas. precisamos ter um estudo prévio para poder apresentar um bom seminário

12 Gustavo: perguntas ou tópicos professora

13 Professora: tu podes trabalhar tanto com tópicos quanto com perguntas. agora nós vamos assistir um vídeo. aliás três vídeos com exemplos de gêneros. vamos ver características de gêneros.

Inicialmente foi apresentado o conteúdo da aula programado para essa data. A seguir, o conceito de gênero a partir de exemplos de gêneros orais, observando suas características, estrutura e a linguagem oral em situação de uso.

A análise do fragmento 1 mostra a professora conduzindo os estudantes para o conceito de gênero (linhas 03, 05, 06, 07, 08 e 09). Ela introduz o assunto perguntando se alguém lembra o que são gêneros (linha 03). A partir desse momento, inicia um diálogo com uma das estudantes (linha 05) e exemplifica com esse diálogo fazendo com que os estudantes percebam que utilizam-se de gêneros para se comunicarem. Na linha 09, explicita o conceito focalizando a importância do gênero na comunicação. Segundo a teoria dos gêneros do discurso, Bakhtin (2000) nos diz que ao emprendermos uma comunicação, tanto oral como escrita, elegemos um gênero de acordo com a situação comunicativa.

Após a análise posso rever criticamente esse fragmento, pois o conceito de gênero não foi apresentado de forma adequada. Não ficou explícito esse conceito e também, não conceituei texto, que poderia trazer maior compreensão. A partir da observação dos exemplos de gêneros no fragmento 2, alguns estudantes demonstram uma melhor compreensão sobre os gêneros (linha 06, 13, 14, 20).

Na linha 09 solicita mais exemplos de gêneros orais e continua exemplificando (linha 11) e a partir desses exemplos amplia esse conceito. A professora utilizou como

metodologia a apresentação de vídeos, o primeiro foi de uma conversa informal e o segundo foi uma roda de conversa, como podemos observar no fragmento 2.

Fragmento 2

- 01 Professora: o que vocês observaram nesse vídeo? (3,4) é uma conversa
- 02 Professora: é um diálogo. conversa informal precisa de uma preparação?
- 03 Carlos: não
- 04 Professora: e aí gente o que se conclui a respeito disso. é um diálogo. gênero do cotidiano. gênero primário. vamos ver um outro vídeo. o que que nós vimos de diferentes entre esse vídeo e o outro vídeo,
- 05 Aroldo: é um diálogo que é formal
- 06 Gustavo: professores >altamente< qualificado
- 07 Professora: e como tu sabe que ele é altamente qualificado
- 08 Gustavo: pela forma que o cara tá falando. ali ele fala toda a história dele e o que ele é atualmente
- 09 Carlos: um debate
- 10 Professora: não. é um gênero roda de conversa. não é debate. quando nós temos que organizar uma roda de conversa¹⁴. temos que passar algumas informações. entre essas informações é a apresentação das pessoas. ele disse o no::me. as [profis::sões]
- 11 Aroldo: [>as graduações<]
- 12 Professora: descobrimos uma característica no gênero roda de conversa que não tem no gênero diálogo informal. é a partir dessa escuta que nós vamos construindo os gêneros. uma outra característica desse gênero tem um [apresentador] mais três pessoas
- 13 Aroldo: [>apresentador<]
- 14 Gustavo: convidados
- 15 Professora: um apresentador mais três pessoas. o que também observamos. falando sobre um assunto específico. tem um tema. eles têm um objetivo. outra característica, quando um [fala]
- 16 Joana: [os outros escutam]
- 17 Professora: então esse gênero é estruturado. organizado previamente. tem um tema. tem um objetivo. tem uma apresentação dos participantes. o que mais vocês relacionam entre esse gênero primário e o secundário. que diferenças podemos notar além dessas
- 18 Gustavo: talvez até na forma de se vestir
- 19 Professora: tá e na linguagem. e é a partir desse estudo dos gêneros que vamos compreender esse aspecto formal do

¹⁴ No gênero roda de conversa, o exemplo apresentado aos estudantes, era um programa televisivo, por isso, foi considerado gênero secundário. Esse conceito está descrito no referencial teórico segundo Dolz e Gagnon (2015).

informal. agora nós vamos assistir a um outro vídeo. sempre prestando atenção

20 Aroldo: agora é um >debate político<

21 Professora: prestem atenção bem nesse começo. o::h prestem atenção. o gênero debate ele também é um gênero secundário. agora eu pergunto. o que vocês viram no gênero roda de conversa e no gênero debate. qual a diferença que vocês notaram ou as diferenças entre um e outro gênero

22 Aroldo: (>um debate regrado<)

23 Professora: são gêneros secundários os dois. mas ainda tem características diferentes as regras. o debate tem que ter um tema. isso nós temos no gênero roda de conversa e debate. e vamos ter no gênero entrevista e seminário. que nós vamos trabalhar. objetivo. apresentação. essa apresentação. é uma apresentação formal

No decorrer da apresentação dos vídeos, algumas vezes, utilizei o recurso pausa, para que fossem observadas as características, a estrutura e a linguagem que estava sendo usada nesses eventos. Ao observarem e compararem esses gêneros, destacando características de um e de outro gênero, refletiam sobre o uso da língua. Relataram que eram conversas normais entre as pessoas, fazendo referência ao gênero conversa informal, e que aconteciam no dia a dia

Nesse fragmento 2, a professora inicia perguntando o que eles observaram no vídeo (linha 01). Ela faz referência ao gênero diálogo e, ao mesmo tempo, relaciona com conversa informal (linha 02) formulando uma nova pergunta. No momento seguinte (linha 04) descreve o gênero diálogo citando algumas de suas características. Logo após, propõe que assistam outro vídeo e após essa apresentação indaga o que há de diferente entre eles. O estudante (linha 05) reconhece a linguagem formal e, na linha 08, o estudante percebe a qualificação dos convidados pela linguagem, nesse momento, podemos considerar a importância do uso adequado dos recursos linguísticos na tomada da palavra. Ao relacionar a prática com a teoria podemos observar o que nos diz a autora Bentes (2010), que quando nos comunicamos com alguém através da fala, fornecemos ao outro uma gama de informações sobre as várias faces da nossa identidade social e também sobre a maior ou menor competência comunicativa.

A professora dá continuidade citando características do gênero apresentado (linhas 15 e 17). Na linha 18, quando o estudante percebe elementos não-linguísticos, traz um aspecto exterior, presente na comunicação oral, mas compreende que a forma de vestir-se influencia no contexto. Os aspectos cinésicos, ou seja, a relação intrínseca entre palavra e corpo são importantes que sejam discutidos quando da sua percepção,

pois é necessário refletir sobre o porquê ele ocorre no discurso. Sendo assim, podemos associar determinadas práticas sociais, que se manifestam na superfície textual, que estão relacionadas com o discurso oral (MELO; MARCUSCHI; CAVALCANTI, 2012).

Autores como Schuneuwly e Dolz (2004, p. 159) nos dizem que “tomar a palavra está em relação íntima com corpo”, trazendo-nos a compreensão que o corpo fala. E assim, manifestações como uma emoção involuntária, um afluxo de sangue na face, podem ser percebidos e também podemos utilizar o corpo a serviço da colocação da voz, da respiração, da atitude corporal, entre outros. Portanto, a comunicação oral vai além da utilização de recursos linguísticos ou prosódicos, utiliza-se de sistemas semióticos não linguísticos, desde que convencionalmente reconhecidos como significantes. Entre os meios não-linguísticos encontra-se o aspecto exterior que inclui as roupas, os disfarces, o penteado, os óculos e a limpeza.

A aula continua com a apresentação de um terceiro vídeo, quando a professora solicita aos estudantes que prestem atenção (linha 21) porque mesmo sendo um gênero secundário ainda, possuem características diferentes. Ao perguntar sobre as diferenças recebe como resposta (linha 22) que é um debate regrado. Na linha 23, mostra características que são comuns nos gêneros, assim como, as que as diferenciam, ao mesmo tempo, faz relação com os gêneros entrevista e seminário, que serão estudados e trabalhados, posteriormente.

Ao finalizar a análise desses fragmentos foi possível refletir sobre como foi elaborado o conceito de gênero, por isso, a dificuldade dos estudantes em relacionar as “conversas” com o estudo da língua. Ao (re)pensar a prática oportunizei aulas com melhor compreensão, facilitando o entendimento dos conteúdos apresentados.

3.2. Excerto de transcrição da aula do dia 28 de maio

O conteúdo da aula foi prosódia e como esses elementos prosódicos e os não verbais ajudam na composição do sentido. O vídeo selecionado que serviu para análise desses elementos foi o gênero entrevista. Essa escolha se deu por ser um gênero que será trabalhado pelos estudantes, posteriormente.

A aula foi destinada ao estudo e compreensão de como os elementos prosódicos e não verbais auxiliam na construção do sentido. Foram apresentados modelos de entrevista oral e escrita com o objetivo de que identificassem as características dos gêneros nos dois exemplos. Perceberam que a entrevista escrita tinha um tema e

observaram as perguntas e na entrevista oral os recursos eram a fala, os gestos, o tom de voz, as pausas e os movimentos corporais.

Fragmento 1

- 01 Professora: nós vamos assistir a entrevista tá. e eu quero que vocês anotem algumas coisas que vocês forem notando na entrevista::ta. sobre o que nós falamos a respeito da prosódia tá
- 02 Carlos: e o que, da prosódia
- 03 Professora: da prosó::dia. a ento::na::ção. as pa::sas. o que vocês estão notando nessa entrevista ((apresentação do vídeo))
- 04 Professora: bem e aí o que nós observamos. o que vocês observaram na entrevista,
- 05 Aroldo: [que ele é rico]
- 06 Fabiano: [que ele é rico]
- 07 Gonzaga: [não o oitavo homem mais rico do mundo]
- 08 Professora: tá. além disso. a respeito da prosódia. da prosódia o que que nós vimos ali,
- 09 Aroldo: eles não falaram disso ali professora.
- 10 Gabriela: [hhhh]
- 11 Mário: [hhhh]
- 12 Professora: não. Eles não falaram [tu vais ter que observar]
- 13 Gonzaga: [hhhh]
- 14 Fabiano: vamos tudo de novo
- 15 Aroldo: esse é um (material) bem estranho hhhh
- 16 Professora: vamos comentar algumas partes. além desses elementos como as pau::sas. que eles fazem en::tre uma fala e outra. Ou entonação da voz. o que mais vocês observaram, nesse vídeo.
- 17 Aroldo: a comédia
- 18 Professora: o humor tá, o que mais
- 19 Aroldo: hhhh é humor
- 20 Gustavo: além do humor além de ele ser um cara rico
- 21 Professora: o que mais
- 22 Gustavo: ele é um cara humilde com certeza né. Porque ele fala que não pode se um cara um cara rico sozinho. Que não tem graça
- 23 Professora: tá. mas em matéria da composição desse gênero. tá a caracterís::tica digamos assim. A fala ela tem características que pode se perceber ali naquele vídeo. além das características da fala que outras características se observa ali, (2,3) que outros sinais nos dão esse vídeo na fala,(.) que nos remetem também a informações. (.) alguém perce::beu::, algum elemento não:: verbal que dá prá perceber no vídeo. o que nós temos ali de elementos não verbais, o que são elementos não verbais, que não se manifestam pela fala

24 Gonzaga: não verbais, gestos
25 Gustavo: oi isso aí. já ia falar gestos, os gestos.
26 Professora: os gestos, muito bem.
27 Gustavo: a forma de gesticular com as mãos
28 Professora: o que mais, o que mais,
29 Gustavo: a piscada de olho
30 Professora: a direção do olhar
31 Gonzaga: o sorrisinho aque::le. [hhhh]
32 Gabriela:[hhhh]
33 Professora: o sorrisinho também. porque o sorrisinho pode ser irônico. Pode demonstrar uma ironia com um sorrisinho
34 Gustavo: pode dar também uma certa querência
35 Gabriela: hhhh
36 Professora: então junto com a fa::la e com esses elementos prosódicos que nós vimos. nós temos os elementos não verbais. e esses elementos são muito importantes porque uma pessoa não vai ficar parada olhando e falando assim imóvel ((a professora reproduz esse comportamento))
37 Gustavo: sim
38 Professora: não transmite. não consegue transmitir direito porque o corpo fala junto. os gestos ajudam na composição do sentido.
39 Gustavo: mas os ges::tos são meio as::sim. são entre a cintura e o ombro ((aluno demonstra gesticulando)) porque não tem como falar assim. assim ((aluno demonstra com gestos exagerados))
40 Professora: sim. mas se tu quiseres apon::tar::, sim pode. consegue.
41 Gustavo: assim ((aluno gesticula demonstrando o entendimento))
42 Professora: sim pode, aí dependendo de onde tu tá falando (do contexto)mas os gestos ajudam na composição do sentido. tá então. quando nós formos fazer a nossa entrevista. psiu gente por:: favor. Quando nós formos entrevistar as pessoas, que vão vir aqui na sala. os nos::sos convida::dos. nós vamos pre::cisar nos utilizar de todos esses recursos. bem eu gostaria que vocês refle::ti::ssem aliás se agrupa::ssem:: aí. conversa::ssem:: e ano::ta::ssem: isso aí
43 Professora: e que linguagem foi essa da entrevista, gente,
44 Fabiano: (as duas)
45 Mário: formal foi,
46 Professora: tá, mas ela é formal ou informal,
47 Gustavo: o que,
48 Professora: a entrevista
49 Gustavo: ela foi das duas formas, porque teve comunicação verbal tanto quanto não verbal
50 Professora: tá. mas ela foi formal ou informal,
51 Anderson: informal
52 Fabiano: formal

- 53 Gustavo: ela foi formal, porque em momento algum ele falou gírias, teve umas brincadeiras. mas não pode ser considerado gíria
- 54 Professora: mas nem só gíria identifica uma fala formal de uma não formal
- 55 Gustavo: então uma brincadeira pode ser, essas entrevistas do jô são sempre descontraídas
- 56 Professora: são sempre informais né. geralmente ela é informal. até porque pelo tema que ela trata. dependendo do tema que ela trata
- 57 Professora: desculpa ((aula interrompida pelo telefone)) quero que vocês façam uma escri::ta do que foi visto nessa entrevista.
- 58 Gustavo: tá eu faço
- 59 Carlos: q informação,
- 60 Professora: que língua::gem foi usada, quais foram os gestos, então ó:: eu tô fa::lan::do e tô fa::zen::do
- 61 Gustavo: gestos
- 62 Professora: para vocês entenderem o que eu vou dizer. eu preciso dizer um. dois. três. e vocês olhan::do e o que eu tô falan::do. eu estou enumeran::do fazen::do isso aqui
- 63 Gustavo: a senhora tá citando os itens sem falar o número de itens
- 64 Professora: e vocês estão entendendo,
- 65 Gustavo: com certeza. eu tô entendendo pelo menos
- 66 Professora: então, quer dizer que este gesto é não verbal mas amplia o sentido do que estou falando. dá um maior entendimento. inclusive o Eike Batista fez esse mesmo gesto quando falou nos portos. nas empresas. ele fez esses gestos.
- 67 Professora: ((aula interrompida para recolher o material utilizado no lanche))eu estou tentando que vocês olhem, percebam e identifiquem as caracterís::ti::cas do gênero

Inicialmente, nota-se um estranhamento por parte dos estudantes (linhas 02 e 15). Os estudantes demoram a perceber qual o objeto de análise na entrevista e falam a respeito da compreensão (linhas 05, 06, 07, 17, 19 e 22). A professora continua conduzindo-os para que percebam os elementos não verbais (linha 23) e é nesse momento que se dá essa percepção (24, 25, 27, 29 e 31).

Na linha 42 a professora esclarece e chama a atenção dos recursos que são utilizados para a composição do sentido.

Na linha 53, do fragmento 1, do item 3.2, inicia-se uma discussão sobre linguagem formal e informal a partir do uso de gíria. Nesse caso, o estudante associa a linguagem formal com o uso ou não de gíria, não levando em conta as demais características que compõem essa linguagem.

Ao introduzir o estudo do gênero através de análise de exemplos, cito como referência a BENTES (2010), que defende que a observação contínua, sistemática e crítica de determinadas práticas contribui para a compreensão de como os modos de fala podem ser transformados em recursos, de forma a atingir objetivos comunicativos e que estratégias podem ser utilizadas para mobilizar esse envolvimento conversacional. Cita ainda a importância da observação de alguns profissionais, que trabalham sua fala com objetivos específicos, como no caso dos atores, jornalistas, locutores, palestrantes e como esses profissionais utilizam conscientemente os recursos linguísticos. Na linha 67 do fragmento 1 do item 3.2, a professora enfatiza a importância da observação, da percepção e da identificação das características que podem ser observadas nos exemplos do gênero.

A análise desse fragmento demonstra como foi conduzida a minha prática nessa aula, assim como também, que ações podem ser executadas para conduzir à melhora dessa prática. O efeito de humor não foi explorado (linhas 17 a 19), com isso, perdeu-se a discussão, naquele momento, sobre o que provocou esse efeito e como isso interfere na construção do sentido. Assim como, o uso de gírias deveria ter sido mais explorado, pois esse uso faz parte da linguagem cotidiana das pessoas, pois, apresenta praticidade na comunicação informal e algumas são comuns a toda sociedade. Essa análise possibilitou avaliar a minha ação no processo de ensino e de refletir como posso melhorar e modificar essa ação.

3.3. Excerto de transcrição da aula do dia 16 de junho

O projeto que serviu de *corpus* da pesquisa contemplou os gêneros orais secundários entrevista e seminário, por isso, esse detalhamento na construção desses conceitos e nas características dos gêneros, evidenciando a importância dessa construção no processo de apropriação dos gêneros orais secundários.

Foi oferecida uma palestra à turma sobre vocações profissionais, visto que os estudantes já estão preparando-se para a escolha de suas possíveis profissões. Como mencionado anteriormente, o trabalho na perspectiva de profissão foi o tema eleito pela escola para ser desenvolvido durante o ano letivo de 2015. Essa palestra foi proferida por uma psicóloga com o objetivo de orientar e esclarecer sobre a escolha da profissão, ao mesmo tempo, expor os estudantes a uma situação real e não cotidiana da modalidade oral. Nessa data, considerei a aula atípica, pois foi oportunizada uma

situação de uso da modalidade oral complexa que exigiu uma adequação de comportamento social no contexto diário, além disso, uma escolha adequada da linguagem em uso.

Fragmento 1

- 01 Psicóloga: o caminho da escolha profissional tem pelo menos dois lados. que lado vocês acham que tem esse caminho que vocês estão percorrendo prá escolher a profissão que vocês querem, alguém sabe me dizer,
- 02 Gustavo: bônus e ônus
- 03 Psicóloga: e qual é esse bônus e ônus que tu cita,
- 04 Gustavo: o dinheiro e o excesso de trabalho
- 05 Psicóloga: sim, tu acha que para tu te dinheiro tu vai te que trabalha bastante
- 06 Gustavo: sim. com certeza
- 07 Psicóloga: muito bem
- 08 Professora: ((batem na porta, professora regente entra))
- 09 Professora regente: bom dia. desculpa o atraso
- 10 Professora: ((continuação da palestra sem interrupção dos estudantes))
((estudante fecha a janela para diminuir ruído externo))
- 11 Psicóloga: alguém já escolheu a profissão,
- 12 Diego: já
- 13 Psicóloga: hum. mais alguém, que profissão tu pretende,
- 14 Diego: estilista de moda
- 15 Psicóloga: estilista. pretende ser estilista de moda, e tu,
- 16 Regina: biologia marinha
- 17 Psicóloga: e tu, como, não entendi
- 18 Mariana: pediatria
- 19 Psicóloga: vocês já conversaram
- 20 Professora: podem falar mais alto gente
- 21 Psicóloga: vocês já conversaram com alguém dessa área, o que levou vocês a escolherem essas profissões,
- 22 Gabriela: ()
- 23 Joana: eu foi numa feira de profissões, tmb
- 24 Psicóloga: e aí tu teve contato com a profissão. é muito interessante. essas feiras possibilitam isso né. a diversidade de profissões que são expostas possibilitam que a gente visualize né. por isso que eu falei prá vocês. é importante a gente visualizar. conversar. saber com as pessoas que estão atuando nessas áreas. e tu o que te fez escolher,
- 25 Diego: a minha tia. ela é estilista.
- 26 Psicóloga: bom a gente vai falar um pouco disso. assim das escolhas que a gente segue como exemplo.

27 Professora: ((continuação da palestra))
28 Psicóloga: qual é o objetivo do trabalho, em realizar um trabalho depois de que vocês terminarem uma formação. terminarem um curso técnico. uma faculdade. ou o que vocês escolherem. a gente já falou um motivo. já. e quem mais tem algum motivo,
29 Gustavo: e tem um outro tipo de (status)
30 Psicóloga: pode falar, fala
31 Gustavo: experiência na carreira. vai te trazer
32 Psicóloga: experiência na carreira. o que a experiência vai te trazer,
33 Gustavo: ué cargos melhores
34 Professora: ((continuação da palestra))
((psicóloga finaliza a palestra))

Esse fragmento foi transcrito com o objetivo de compreender como os estudantes interagem, quando expostos em situação complexa real e não cotidiana. O estudo do gênero palestra não foi contemplado no projeto, por isso, ao analisar esse fragmento foi possível compreender aspectos importantes e que relações foram estabelecidas com os gêneros estudados.

A modalidade oral tem características que podem ser evidenciadas em praticamente todos os textos dessa modalidade, por isso, tornaram-se regularidades dos textos orais (LIMA; BESERRA, 2012). Entre essas relações podemos destacar o turno de fala, que pode ser tido como aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade do silêncio (MARCUSCHI, 2006) e que já haviam citado anteriormente, quando foi apresentado o gênero roda de conversa (item 3.1, fragmento 2, linha 16).

Perceberam-se também aspectos importantes referentes à linguagem em uso, embora a fala estivesse monitorada, a palestrante conduziu a linguagem para a informalidade. Aspectos como forma reduzida de verbos e de preposição e o apagamento do infinitivo, conferiram a linguagem um tom de informalidade (linhas 01, 05 e 24). Os estudantes perceberam essa informalidade e selecionaram a linguagem, pois já haviam discutido anteriormente (item 3.2, fragmento 1, linhas 43 a 56). Sabemos que a fala é adquirida naturalmente e essa aquisição se dá em contextos informais do dia a dia, mas com isso, não significa que ela é uma atividade sempre informal. Assim, a escolha da informalidade ou formalidade da linguagem, não é uma característica da modalidade linguística escolhida, mas sim, exigências das condições de produção do gênero escolhido e produzido sempre em situações específicas. É importante, que essas

regularidades presentes na modalidade falada, sejam levadas em conta, quando o professor propõe, em sala de aula, o estudo de gêneros orais (LIMA; BESERRA, 2012). Sendo assim, ao identificarem características comuns em gêneros diferentes, evidencia-se a apropriação de características estudadas e as relações que estabeleceram entre os gêneros.

No fragmento 2, a transcrição é referente ao gênero entrevista. O estudo desse gênero foi realizado através de observação de entrevistas em diferentes meios de comunicação, exemplos de uma entrevista televisiva, de entrevista em rádio e de uma entrevista escrita. Ao proporcionar essa observação em meios diferentes, salientaram-se os contextos de produção desses gêneros e que recursos podem e devem ser utilizados. Entre esses recursos temos as informações explícitas e implícitas e que diferenças foram percebidas no gênero, dependendo do meio em que veiculam. Os estudantes elaboraram um roteiro de perguntas, que deveriam utilizar no momento da entrevista, mas quando da realização da entrevista, não seguiram o roteiro de perguntas elaborado anteriormente.

Fragmento 2

- 01 Professora: bem gen::te a parte da psicóloga foi o esclarecimento sobre as vocações. a importância da escolha. vamos começar a entrevista
- 02 Joana: o que te levou a escolher essa profissão,
- 03 Gustavo: quais os aspectos positivos e negativos da tua profissão,
- 04 Andressa: porque tu acha que a tua profissão é importante para a sociedade,
- 05 Cândida: e tu, pretendia realizar essa profissão desde criança. ou foi uma escolha com o passar do tempo,
- 06 Gustavo: tu na tua profissão. tu te priva de fazer. de debater algum tipo de tema, digamos com teu paciente. isso eu não posso conversar contigo, tem que procurar outro auxílio ou tu debate todo o tipo de tema,
- 07 Joana: como foi o início da:: tua profissão. quando tu começou a exercer. foi delicado,
- 08 Maria: qual é a faixa salarial,
- 09 Aroldo: alguma coisa. já levou você a desistir da profissão,
- 10 Gustavo: agora que tu falou. eu formulei uma pergunta. seria assim. prá tu ser uma psicóloga tem que ser uma pessoa calma. tu tem que ter o controle de toda situação, é sim ou não, o que tu achas sobre isso,
- 11 Andressa: eu andei lendo sobre a psicologia porque é uma área que eu me interesse. me chama atenção. eu li que a maioria

- são mulheres. apenas dez por cento são homens. porque tu acha que é assim,
- 12 Professora: nós temos outros convidados também. nós temos a Andreia. estudante do ifsul. é uma escola técnica federal. e ela é aluna do técnico em agropecuária. essa é a Andreia e ela vai responder as perguntas que vocês acharem pertinentes a respeito da escola. do curso. de como funciona.
- 13 Andreia: eu sou Andreia, tenho 17 anos e to no 6º semestre
- 14 Gustavo: Andreia. Bom dia. prazer. eu me chamo Gabriel. a primeira pergunta é assim sobre a agropecuária. tu quis escolher a profissão através da região ou foi uma coisa que já te chamava atenção,
- 15 Alice: e qual é a faixa de salários,
- 16 Cândida: nessa tua área. tu tem aulas teóricas ou aulas mais práticas,
- 17 Cândida: primeiro estuda a teórica prá depois a prática
- 18 Fabiano: e as pessoas na região estão adotando mais a agricultura ou a pecuária,
- 19 Gustavo: e tu, tá em que semestre que tu falou,
- 20 Gustavo: sexto. e alguma vez tu pensou assim. vou desistir. eu não quero mais. vou jogar tudo prá cima e já era,

Esse fragmento demonstra como os estudantes interagiram no momento em que ocuparam a posição de entrevistadores. Não houve uma apresentação da entrevistada, visto que já havia ocorrido na palestra, apenas uma breve contextualização (linha 01, fragmento 2, item 3.3). Nesse momento, o contexto foi modificado, pois os estudantes ocuparam a posição de entrevistadores. Autoras como Lima e Beserra (2012) defendem a ideia de que um texto, seja da fala seja da escrita, é sempre produzido dentro de um contexto, ou seja, é sempre um texto situado. Portanto, os estudantes compreenderam a mudança de contexto a partir da mudança do gênero.

Entre aspectos importantes que são levados em consideração e merecem ser destacados estão à compreensão demonstrada entre os gêneros, a organização em turno, o tema e o contexto de produção. As perguntas da entrevista foram todas direcionadas à profissão, que a entrevistada exerce e não para a fala anterior sobre as vocações profissionais, que pode ser observado nas transcrições (linhas 02 a 11, fragmento 2, item 3.3). O gênero entrevista foi estudado e discutido anteriormente, focalizando as características, o tema, e a linguagem em uso (linhas 43 a 56, fragmento 1, item 3.2).

No momento da interação face a face, perceberam-se aspectos relevantes na construção do sentido, como: a direção do olhar, a gestualidade e a expressão facial.

Assim como também, a escuta, a mudança de contexto e as perguntas elaboradas sem fugir do tema.

Na entrevista seguinte percebem-se mudanças de comportamentos sociais em relação à primeira entrevistada. O estudante que desempenha o papel de entrevistador (linha 14, fragmento 2, item 3.3), na sua primeira intervenção com a entrevistada dirige-se chamando-a pelo nome, cumprimenta-a, apresenta-se e depois formula a pergunta. Ao cumprir essa tarefa demonstra a apropriação de aspectos relativos às competências comunicativa e discursiva, utilizando-se de recursos linguísticos.

3.4. Excerto de transcrição da aula do dia 18 de junho

No fragmento 1, a transcrição do excerto demonstra como se deu o estudo do gênero apresentação oral. O estudo desse gênero foi discutido a partir da escolha do uso da linguagem, formal ou informal, e do uso ou não de gírias nesse gênero. Essa discussão serviu para demonstrar a importância da adequação do uso da linguagem ao público.

Fragmento 1

- 01 Professora: tá Gabriel, tu diz que não pode ter gíria. e se eu for falar para um pú::bli-
- 02 Cândida: primeiro tem que saber o que tu vai falar
- 03 Professora: exa::tamente. tu tem que saber o que tu vai falar e para quem tu vai falar. dependendo do pú::blico até dá para falar alguma gíria. se tu for falar para estudantes de en::sino mé::dio. de ensino universitá::rio. aí tu vai ter que adequar a tua fala de acordo com o lugar que tu estas. do contexto que tu estas.
- 04 Gustavo: imagina vim uma pessoa aqui. e aponta prá um cara e diz assim. e aí feio como tá,
- 05 Professora: mas nem toda a gíria precisa ser tão chula. uma apresentação oral é preciso ser pensada. estudada. estruturada. para eu delimitar os assuntos mais importantes. porque ela tem um tempo. eu não posso chegar aqui e ficar por um tempo indeterminado falando né. se eu não estruturar. de repente eu posso deixar um tópico importante da minha fala. do que eu desejo comuni::car as pessoas. e por fim vai se esgotar esse tempo. então. esse é um dos aspectos que a gente precisa organizar em uma apresentação oral. quando nós vamos fa::zer um trabalho a gente precisa se perguntar algumas coisas. para poder responder e fazer um trabalho que seja interessante. não vou chegar aqui e falar qualquer coisa.

porque vamos fazer essa pesquisa, (2, 3) essa é uma das respostas que vocês vão ter que dar na apresentação de vocês. quais os critérios para selecionar o que aprendemos e que merece ser apresentado. são três perguntinhas tá. a primeira coisa é o planejamento do texto (3, 4). um item muito importante é a estrutura da exposição oral. ela precisa ter uma sequência. tem uma fase de abertura. uma introdução ao tema. o desenvolvimento. uma conclusão e um encerramento

06 Aroldo: início meio e fim

07 Professora: então. tem que atentar para que tenham todas essas fases dentro do trabalho. eu não posso chegar aqui e não introduzir o tema sobre o que eu vou falar. vou falar para alguém que não sabe o que eu quero dizer. por isso preciso dessa fase de abertura. de introdução ao tema. para depois o desenvolvimento. a conclusão e o encerramento

O fragmento 1 do item 3.4 mostra como se deu o estudo do gênero, partindo de discussão sobre linguagem formal e informal. A estudante interrompe (linha 02, fragmento 1, item 3.4) referindo-se a importância do tema. A professora traz outros aspectos importantes que devem ser considerados como: a escolha da linguagem adequada ao contexto (linha 03, fragmento 1, item 3.4), a estrutura e o tempo de duração da apresentação oral (linha 05, fragmento 1, item 3.4). Foi disponibilizado material escrito que serviu de apoio para a organização do seminário, que consistiu em perguntas norteadoras (linhas 05, fragmento 1, item 3.4). Na linha 7, do fragmento 1 do item 3.4 a professora ressalta a importância da estrutura e das fases que compõem o gênero.

3.5. Excerto de transcrição da aula do dia 28 de junho

Fragmento 1

01 Gustavo: primeiramente bom dia. eu me chamo Gabriel Camargo. o trabalho será apresentado por mim. camila. alife. willy e stefani ((aponta para cada um dos colegas quando os apresenta)) agora o alife ((aponta novamente indicando o colega)) vai falar sobre o (curso) da farmácia

02 Aroldo: a farmácia de um modo geral. ele é tipo uma faculdade como qualquer outra. tipo chegar lá e fazer um cursinho e vender medicamento. ela é:: tipo. tem que estudar anatomia. várias coisas.

03 Estela: e a farmácia é um curso de graduação que forma profissionais da saúde. e os profissionais da saúde eles têm que ter um pensamento crítico e humanístico para trabalhar com pessoas.

- 04 Cândia: a gente perguntou também qual era a função do farmacêutico na farmácia, a função dele é ajudar ((não audível)) dos medicamentos na farmácia. esclarecer as dúvidas também dos clientes porque caso tomem algum medicamento errado pode levar até a morte. não sei se alguém tem mais alguma coisa para falar. a gente fez uma entrevista e é só prá mostrar que que mais ou menos o que ele falou
- 05 Professora: ((apresentação de um vídeo e a Camila agradece ao entrevistado e finaliza a apresentação))

Inicialmente o aluno responsável pela apresentação do grupo, apresenta-se a si e aos colegas (linha 01, fragmento 1, item 3.5), apontando para cada um deles no momento da apresentação. Ao realizar essa tarefa demonstra apreensão e apropriação de elementos não verbais, conforme foi estudado anteriormente (linhas 36 a 42, fragmento 1, item 3.2). Autoras como Melo; Marcuschi e Cavalcante (2012) defendem a importância de colocar o corpo a serviço da comunicação, pois meios não linguísticos influenciam fortemente a construção do sentido. Junto aos meios não linguísticos estão os aspectos paralinguísticos e cinésicos, ou seja, a relação intrínseca entre palavra e corpo. Cabe ao professor chamar a atenção para esses aspectos e de como podemos utilizá-los como suporte para a comunicação verbal.

Após a apresentação dos componentes introduz o tema do seminário e passa a palavra para outro componente do grupo. A seguir desenvolvem o tema falando sobre o curso (linhas 02 e 03, fragmento 1, item 3.5), o perfil e a função do profissional (linha 04, fragmento 1, item 3.5). Nova demonstração de apropriação do gênero, pois desenvolvem as fases que constituem o gênero, o que podemos observar no momento do estudo do gênero (linhas 05 e 07, fragmento 1, item 3.4).

O seminário é enriquecido com a apresentação de uma entrevista em vídeo, realizada pelo grupo de estudantes. Novamente fica evidenciada a compreensão dos gêneros entrevista e seminário, pois ambos possuíam as características estudadas e pertencentes a cada um dos gêneros.

Fragmento 2

- 01 Estela: nosso trabalho é sobre a enfermagem. e agora a gente vai passar uns slides
- 02 Andressa: a gente vai apresentar. o que é a enfermagem. qual a importância da profissão. o que a profissão exige. como o curso prepara o aluno. tipos de curso de enfermagem. grade de

curso. mercado de trabalho. média salarial do enfermeiro.
 carreira do enfermeiro. e áreas que o enfermeiro pode atuar
 03 Professora: ((alunos leram os slides))
 04 Diego: ((lê com dificuldade e fala baixo))
 05 Giovana: ((lê os slides))
 06 Diego: ((lê muito mal, baixo e ri, Estela retoma a fala do
 Diego))

Nesse fragmento 2, podemos observar que fases importantes de constituição do gênero foram apresentadas. Percebem-se a fase de abertura (linha 01, fragmento 2, item 3.5), a introdução ao tema (linha 02, fragmento 2, item 3.5), a do desenvolvimento e a conclusão. A fase do desenvolvimento foi apresentada a partir da leitura dos slides e de material escrito que serviu de apoio. Ao fazerem a leitura, um dos componentes do grupo lê mal e demonstra falta de comprometimento com os demais participantes (linha 06, fragmento 2, item 3.5). Nesse momento, outra componente do grupo assume a fala, com isso, demonstra a importância que o sujeito dá na tomada da palavra (BENTES, 2010,). Nas linhas 05 e 07 do fragmento 1 do item 3.4, observa-se a relevância que a professora confere as fases que compõem o gênero.

A seguir, sistematizo em tabelas os conteúdos desenvolvidos em aula e os resultados da pesquisa, a partir da análise da transcrição de excertos. Essa esquematização tem a finalidade de proporcionar uma melhor visualização da geração de dados e dos resultados obtidos.

Tabela II – Conteúdos desenvolvidos nas aulas durante a pesquisa-ação.

Datas	Conteúdos
26/05/2015	- Conceito de gênero; - características e estrutura; - linguagem oral em situação de uso.
28/05/2015	- Elementos prosódicos; - elementos não verbais; - gênero entrevista; - exemplos do gênero entrevista oral e escrita; - identificar características do gênero;
16/06/2015	- Selecionar a linguagem formal/informal a partir de seu interlocutor;

	<ul style="list-style-type: none"> - gênero entrevista em diferentes meios de comunicação; - contexto de produção e recursos utilizados nesses meios; - informações explícitas e implícitas no gênero.
18/06/2015	<ul style="list-style-type: none"> - Gênero apresentação oral; - discussão de linguagem formal/informal; - usar a linguagem de acordo com o contexto; - estrutura do gênero; - apresentação da estrutura e das fases do gênero; - material escrito com perguntas norteadoras e das fases do gênero.

Fonte: Planos de aula elaborados pela autora para realização do Estágio III.

Tabela III – Resultados da apropriação dos conteúdos estudados durante a realização da pesquisa-ação.

Data	Apropriação dos conteúdos
26/05/2015	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecem a linguagem formal; - reconhecem pistas de contextualização a partir da linguagem em uso; - percebem elementos não linguísticos e sua influência no contexto; - reconhecem diferenças entre os gêneros secundários; - reconhecem o gênero debate regrado.
28/05/2015	<ul style="list-style-type: none"> - Percebem o tema no gênero entrevista; - diferenciam recursos entre a entrevista escrita e oral; - percebem elementos não verbais na entrevista oral.
16/06/2015	<ul style="list-style-type: none"> - Apropriação da escuta e do turno de fala; - selecionam a linguagem adequada ao uso; - compreendem as características estudadas; - estabelecem relações entre os gêneros palestra e entrevista; - compreensão do conceito de contexto; - percebem o tema; - apropriação de linguagem não verbal; - apropriação de aspectos relativos às competências comunicativa e discursiva, a partir do uso de recursos linguísticos;
18/06/2015	<ul style="list-style-type: none"> - Gênero apresentação oral;

- percebem a importância do tema no gênero.

28/06/2015 - Demonstram apropriação de elementos não verbais;
- desenvolvem as fases que compõem o gênero: fase de abertura, introdução ao tema, desenvolvimento e conclusão;
- utilizam material escrito como apoio.

Fonte: Análise de dados gerados durante a pesquisa-ação.

4. Considerações Finais

A questão que motivou a presente pesquisa foi: como analisar e tratar a oralidade como objeto de ensino de Língua Portuguesa, a partir de uma experiência no ensino médio. Essa escolha foi reforçada com o pedido de um dos alunos: “eu quero aprender a falar”. Esse pedido demonstrou a importância que o sujeito dá na apropriação e tomada da palavra e, também, que o ensino de língua baseado nas normas da escrita, não está contemplando o estudo da língua em sua totalidade.

Para responder à pergunta de pesquisa, realizamos uma pesquisa-ação por meio da qual geramos e analisamos dados para alcançar dois objetivos: (i) perceber e analisar como se deu o processo de apropriação dos gêneros orais secundários; (ii) demonstrar como um projeto de ensino pautado nos gêneros orais pode favorecer a legitimar a oralidade como objeto de ensino.

Os resultados obtidos na pesquisa demonstram como o estudo dos gêneros orais secundários, entrevista e seminário, contribuíram no processo de apropriação desses gêneros.

Ao trazer o estudo da modalidade oral possibilita-se o uso dos recursos linguísticos de forma mais consciente e reflexiva além, de contribuir para que possam compreender que fala e escrita não se opõem, mas se completam e possuem funcionamentos diferentes. Entre as contribuições no processo de apropriação dos gêneros orais secundários pode-se considerar que nossa proposta possibilitou aos alunos: reconhecer e distinguir linguagem formal e informal; reconhecer pistas de contextualização a partir da linguagem em uso; perceber elementos não linguísticos e sua influência no contexto; reconhecer diferenças entre os gêneros secundários; perceber a função da escuta e do turno de fala; estabelecer relações entre os gêneros; perceber o papel da linguagem não verbal.

O estudo e a apropriação de gêneros orais possibilita aos estudantes perceberem como aspectos relativos à língua podem influenciar na exclusão social, no preconceito linguístico e no poder que a palavra exerce como mecanismo social. Assim, transformar a oralidade em objeto de ensino ultrapassa a comunicação oral. Portanto, ao trazer o estudo da oralidade para a sala de aula permitimos que os estudantes reflitam e analisem em que medida a língua é fator de exclusão social e que influência exerce nas relações sociais.

A partir da observação e análise dos excertos, desde a aula inicial até a produção final do gênero seminário, houve um engajamento na proposta de ensino, por parte dos estudantes, que legitima a oralidade como objeto de ensino. Na apresentação e estudo do gênero entrevista fica evidente a legitimação, pois trazem discussões como a presença do humor e da ironia, os elementos não verbais, o uso de gíria e que influência esses elementos têm na construção do sentido no gênero específico em análise.

Ao realizar uma pesquisa de cunho microetnográfico, que busca compreender situações e comportamentos que ocorrem em interações cotidianas ou institucionais, e que, neste caso, focalizou a escola pública, quero destacar aspectos que figuram à margem da pesquisa e que precisam ser considerados quando pensamos na pesquisa-ação. Entre eles, podemos citar: as limitações de recursos materiais, como filmadora e datashow, que nem todas as escolas da rede pública possuem; a carga horária excessiva dos docentes, que em geral dificulta sua dedicação a um planejamento mais colaborativo e reflexivo sobre a ação pedagógica; as dificuldades de conduzir para a mudança de práticas em função da realidade institucional ou das próprias crenças do professor. Contudo, acreditamos que as discussões geradas pela pesquisa-ação em associação à microetnografia, quando ocorrem, podem contribuir para que mudanças efetivas em objetivos, conteúdos e metodologias possam ser (re)pensadas nas práticas escolares.

Portanto, é necessário um olhar crítico do professor pesquisador para os aspectos que estão à margem da pesquisa, pois, podem contribuir para o direcionamento de ações que objetivem melhorar a prática e os métodos de aprendizagem em seu contexto de atuação. Nesse sentido, a metodologia de pesquisa delineada aponta, principalmente, para a prática do professor: como eu professora estou utilizando a metodologia e os recursos disponíveis, para que o processo de ensino aprendizagem se efetive, realmente? Os dados gerados neste tipo de pesquisa estarão disponíveis para que possam ser avaliados criticamente inclusive por outras pessoas, para discutir sobre a prática.

No caso específico desta pesquisa, uma das limitações apresentadas foi o número de 15 horas aulas para o desenvolvimento do estudo proposto, o que não permitiu, por parte dos estudantes, uma avaliação de sua aprendizagem. Essa avaliação é relevante, pois, permitir que assistam e discutam suas práticas em situação de uso possibilita (re)pensá-las e melhorá-las. Ao estabelecer relações do estudo dos gêneros com a sua prática, através da observação, proporciona-se o enriquecimento do trabalho, permitindo um posicionamento crítico de si mesmo, em relação aos seus pares e ao contexto de produção.

Assim, no decorrer da pesquisa, concluiu-se que levar para a sala de aula métodos que privilegiam o ensino da língua, relacionando o estudo ao seu uso, com a finalidade de melhorar a prática, contribuímos de forma significativa no processo de ensino aprendizagem. Portanto, tratar a oralidade como objeto de ensino, implica em identificar, refletir e utilizar os recursos linguísticos e a variedade de usos da língua na modalidade oral em função de práticas sociais específicas.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. B. **Noções básicas sobre metodologia de pesquisa científica.** Departamento de Teoria e Gestão da Informação - DTGI/Escola de Ciência da Informação - ECI/Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Disponível em: <<http://mba.eci.ufmg.br/downloads/metodologia.pdf>> Acesso em: maio/2015.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. Secretaria da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 2007. 144 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN + Ensino Médio: Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.** Brasília: MEC/SEMTC, 2002.

BENTES, A. C. Linguagem oral no espaço escolar: discutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola. In: RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. (Coords.) . **Língua Portuguesa: ensino fundamental.** V. 19. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 129-154.

CAMPOS, E. M.; CARDOSO, P. M.; ANDRADE, S. L. **Viva português: ensino médio.** 2ª ed., São Paulo : Ática, 2013.

DIONE, H. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local.** Michel Thiollent (Trad.). Brasília : Liber Livro Editora, 2007.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Orgs.) **Gêneros Oraís e escritos na escola**. Campinas, SP : Mercado de Letras, 2004. p. 125-155

DOLZ, J; SCHNEUWLY, B.; PIETRO, J-F de; ZAHNA, G. A exposição oral. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Orgs.) **Gêneros orais e escritos na escola**. 2. ed, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p. 183-211.

DOLZ, J.; GAGNON, R. O gênero de texto, uma ferramenta didática para desenvolver a linguagem oral e escrita. In: BUENO, L.; COSTA-HÜBES, T. da C. (Orgs.). **Gêneros orais no ensino**. Campinas : Mercado das Letras, 2015. p. 23-56.

ERICKSON, F.; SHULTZ, J. “O quando” de um contexto. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs). **Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre : AGE, 1998.p. 142-153.

FRITZEN, M. P. O olhar da etnografia no fazer pesquisa qualitativa: algumas reflexões teórico-metodológicas. In: FRITZEN, M. P.; LUCENA, M. I. P. (Orgs.). **O olhar da etnografia em contextos educacionais: interpretando práticas de linguagem**. Blumenau : Edifurb, 2012. p. 55-71

GARCEZ, P. de M.; BULLA; G. da S.; LODER, L.L. **Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos**. D.E.L.T.A., 30.2, 2014. p. 257-288.

GOMES-SANTOS, S. N. **A exposição oral: nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo : Cortez, 2012.

LATORRE, A. **La investigación-acción: conocer y cambiar la práctica educativa**. Barcelo : Graó, 2003.

LEAL, T. F; SEAL, A. G. de S. Entrevistas: propostas de ensino em livros didáticos. In: LEAL, T. F.; GOIS, S. (Orgs.). In: **A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão**. Belo Horizonte : Autêntica Editora. 2012. p. 73-94.

LEWIN, K. “Action research and minority problems”. Journal of Social Issues, n. 2, 1946. p. 34-46 apud LATORRE, A. **La investigación-acción: conocer y cambiar la práctica educativa**. Barcelo : Graó, 2003.

LIMA, A.; BESERRA, N. Sala de aula: espaço também da fala. In: LEAL, T. F.; GOIS, S. (Orgs.). In: **A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão**. Belo Horizonte : Autêntica Editora. 2012. p. 57-72.

LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Orgs.). **Fala em interação social: introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**. Campinas, SP : Mercado de Letras, 2008. p. 127-161

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo : EPU, 1986.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 5. Ed. São Paulo : Ática. 2000.

_____. **Da fala para a escrita**: atividade de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3ª ed. São Paulo : Parábola Editora, 2008.

MATENCIO, M. de L. M. **Gênero do discurso e apropriação de saberes**: (re)conhecer as práticas languageiras em sala de aula. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 8, n. 3, p. 541-562, set/dez, 2008.

MELO, C. T. V. de; MARCUSCHI, B.; CAVALCANTE, M. B. Esclarecendo o trabalho com a oralidade: uma proposta didática. . In: LEAL, T. F.; GOIS, S. (Orgs.). **A oralidade na escola**: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte : Autêntica Editora. 2012. p. 95-114.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D.(org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18ª ed., São Paulo : Cortez, 2011.

Anexo I – Termo de consentimento



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ E MATERIAL ESCRITO (Sem fins comerciais)

Eu, _____,
portador da cédula de identidade nº _____ e CPF nº _____,
residente à _____, nº _____,
na cidade de Bagé, AUTORIZO o uso da imagem, voz e produção escrita do/da menor _____, do/da qual sou representante legal, em todo e qualquer material entre fotos, vídeos, áudios e publicações impressas e online vinculadas à realização do projeto de ensino e pesquisa da graduanda Rosana Dutra de Sousa da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, sito à Av. Maria Anunciação Gomes de Godoy, nº 1650, Bairro Malafaia, na cidade de Bagé – RS.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e identificação do/da menor, SEM fins comerciais.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem, escrita ou voz, e assino a presente autorização.

Bagé, _____ de _____ de 2015.

Assinatura

Anexo II – Resumo das convenções de transcrição Jefferson

Aspectos de produção da fala

.	(ponto final)	entonação descendente
?	(ponto de interrogação)	entonação ascendente
,	(vírgula)	entonação intermediária
:	(dois-pontos)	prolongamento do som
	(flecha para cima)	som mais agudo do que os do entorno
	(flecha para baixo)	som mais grave que os do entorno
-	(hífen)	corte abrupto na produção vocal
Fala	(sublinha)	ênfase em som
FAla	(maiúscula)	som em volume mais alto do que o do entorno
°fala°	(sinais de graus)	som em volume mais baixo do que os do entorno
°°fala°°	(sinais de graus duplos)	som em volume destacadamente mais baixo do que os do entorno
>fala<	(sinais de maior do que e menor do que)	fala acelerada
<fala>	(sinais de maior do que e menor do que)	fala desacelerada
[]	(colchetes)	fala sobreposta (mais de um interlocutor falando ao mesmo tempo)

Inspirações/expirações/risos

.hh	(série de h precedida de ponto)	inspiração audível
Hh	(série de h)	expiração ou riso

Lapsos de tempo

(2,4)	(números entre parênteses)	medida de silêncio (em segundos e décimos de segundo)
(.)	(ponto entre parênteses)	silêncio de menos de 2 décimos de segundo

Formatação

=	(sinais de igual)	elocuições contíguas
()	(parênteses vazios)	segmento de fala que não pôde ser transcrito
(fala)	(segmento de fala entre parênteses)	transcrição duvidosa
((levanta da cadeira))	(parênteses dulos)	descrição de atividade não vocal